

A Pesquisa como Arte

Resumo

Mergulhar no universo que envolve uma pesquisa permite estabelecer analogias. Através da aproximação entre arte e pesquisa, procura-se, nesse artigo, socializar os aspectos metodológicos que envolveram a construção de uma investigação de Mestrado, inspirada na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e que teve como cerne o problema: como as implicações de contexto influenciam nas (des)continuidades de trajetórias escolares de estudantes de PROEJA? Objetiva-se, neste espaço, apresentar o percurso que envolveu a construção do problema de pesquisa, estratégias que viabilizaram a realização do estudo e alguns aspectos teóricos sobre a História Oral, considerando autores como Alberti (2004), Fischer (2004) e Amado e Ferreira (2006). Distante de apresentar modelos para realização de pesquisas, busca-se através deste trabalho novas apreciações e percepções, acreditando que o ponto final de um trabalho científico não pode acontecer na entrega da Dissertação, ou Tese, mas assim como as obras de arte, deve estar sujeito a novos olhares.

Palavras-chave: Pesquisa; Educação de Jovens e Adultos; História Oral.

Greicimara Vogt Ferrari

Instituto Federal do Rio Grande do Sul
greicimara.ferrari@ifrs.edu.br

Entre o ouvir, o observar e o refletir: A pesquisa como arte

Iniciar uma pesquisa é uma tarefa minuciosa. O ouvir, o observar, a disposição pelo constante aprender, a paixão, a seriedade, são fatores importantes nessa busca. Aproximar uma pesquisa do processo de elaboração de uma obra de arte pode ser um caminho para a tradução deste complexo trabalho.

Alguns artistas preferem à música, outros a pintura, a dramaturgia é opção de tantos outros, há ainda aqueles que se dedicam à escultura. Pode-se perceber, dessa forma, o quanto é vasto o campo da arte. Cada artista faz suas escolhas por diferentes motivos, dentre os quais a identificação pessoal acaba aproximando-o de sua arte.

Para esculpir uma bela obra, o escultor necessita de inspiração, planejamento, precisa optar por materiais, adquiri-los. Impregnado de inspiração, tendo planejado como fazer, disponibilizando de materiais, o escultor dedica-se a esculpir sua obra. No decorrer do processo poderão surgir novas ideias, alguns imprevistos poderão alterar o planejamento inicial, os retoques certamente serão necessários para se chegar ao resultado final: uma escultura única que poderá ser apreciada por diferentes olhares. Assim como no campo da arte, a pesquisa em educação também conta com uma diversidade de temáticas.

Considerando a trajetória profissional da pesquisadora, a escolha do objeto de pesquisa no Mestrado foi motivada por um desejo que nasceu da experiência no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos- Erechim-RS e foi estimulado na Pró-Reitoria de Ensino do Instituto federal do Rio Grande do Sul (IFRS). Assim, como mestranda pesquisadora, a opção foi por estudar a temática Educação de Jovens e Adultos (EJA), mais especificamente trajetórias (des) contínuas de estudantes do PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos) do IFRS- câmpus Bento Gonçalves.

Mergulhar no universo da EJA foi o desafio. Pesquisar o que vem sendo produzido na área representou o primeiro passo. Optou-se por iniciar a busca através do portal de teses e dissertações da CAPES¹, utilizando o termo: “Educação de Jovens e Adultos”.

¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, portal de Teses e Dissertações

Mesmo tendo ciência da amplitude do termo, realizou-se uma rápida pesquisa quantitativa visando responder a seguinte questão: os estudos na área da EJA vêm crescendo nas pesquisas no Brasil?

De 1987 a 2010 foram realizadas 1531 pesquisas referentes à EJA, podendo-se perceber um acréscimo significativo de estudos no decorrer das décadas, já que na década de 80, três pesquisas foram realizadas no ano de 1987 representando o maior número de estudos da década, enquanto na década de 90, no ano de 1999 foram realizados 33 trabalhos, em nível de Pós-Graduação *stricto sensu*. Entre 2000 e 2010, observa-se o pico de produções em 2010, através de 226 pesquisas.

A partir dos números pode-se perceber que os estudos sobre a EJA foram crescentes a cada ano. Certamente esse crescimento demonstra a relevância social do estudo na área. Existem inúmeras publicações referentes à EJA. Paulo Freire certamente deixou contribuições. Autores como Moacir Gadotti, Gaudêncio Frigotto, Vanilda Paiva, Leôncio Soares, Sérgio Haddad, Maria Clara Di Pierro, entre outros, realizaram e continuam realizando pesquisas relacionadas à temática. Com o curso de especialização em PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos), também foram publicados livros específicos de EJA vinculada a Educação Profissional. Além da publicação de livros, percebe-se a diversidade de periódicos com artigos relacionados à temática, assim como de eventos científicos que possibilitam a divulgação de trabalhos e a reflexão em torno da EJA.

A partir da temática, construiu-se o problema central da investigação e os objetivos. Com o problema esboçado realizou-se nova pesquisa no Portal da CAPES, considerando os descritores: Políticas de EJA, Trajetórias de Estudantes de EJA e PROEJA.

Além da garimpagem no portal da CAPES, buscou-se uma verdadeira imersão no campo de interesse, através de leituras que se aproximavam da proposta do estudo. Neste espaço, no entanto, optou-se por abordar os aspectos metodológicos que

disponibiliza informações referentes a Teses e Dissertações dos Programas de Pós Graduação das universidades brasileiras. Serviço disponível no site: <http://www.capes.gov.br>

permearam a pesquisa, objetivando a reflexão em torno do processo de construção do problema de pesquisa e a opção pela História Oral como aporte metodológico.

Construindo o problema de pesquisa

Ao pensar em pesquisa, naturalmente algumas questões invadem a mente do pesquisador: O quê? Por que e para que pesquisar? Indagações como essas podem parecer simples e até mesmo ingênuas, mas, em vários casos, incluindo a proposta da investigação realizada, são carregadas de significado. Pesquisar a temática “Educação de Jovens e Adultos” possibilita direcionar o foco para uma área esquecida em alguns momentos, lembrada em períodos, tratada com inferioridade em outros e que, mesmo dessa maneira, segue fazendo a diferença na vida de muitos sujeitos.

O vínculo que se estabelece entre a pesquisa e a dúvida é tênue, a busca nasce de inquietações. Conforme Brandão (2003, p.70) “[...] Quando se ensina o que ainda não se sabe, se pergunta. Quando se pergunta, de alguma maneira é uma forma ou experiência de pesquisa [...]”. Ao perguntar e lançar-se à pesquisa, o pesquisador busca encontrar uma resposta, ou respostas. Na pesquisa desenvolvida a opção encontrou-se na procura por respostas no plural, observando que, na conjuntura, as averiguações únicas e incontestáveis parecem não ser suficientes.

A investigação iniciou inspirada na pergunta: como as discontinuidades nos estudos de educandos da EJA podem estar relacionadas às rupturas nas políticas voltadas para a área, no período entre 1988 e 2012? Tal indagação foi expressa no projeto de qualificação entregue para a banca. Contudo na condição de pesquisador, assim como os escultores que buscam construir uma bela obra de arte, se está sujeito a novas percepções, opiniões e redimensionamentos na forma de olhar, e foi de fato o que aconteceu. A partir da aproximação no campo empírico, diálogo com colegas e com professores do curso de Mestrado, foi possível delinear um novo problema, construído na semana anterior da qualificação.

Depois da nova elaboração, em uma reunião de orientação, optou-se por, no momento da banca de qualificação, expressar que a pergunta central do estudo estava

sendo redimensionada, apresentando-a e solicitando inclusive opinião dos membros em relação à nova proposição: *como as implicações de contexto influenciam nas (des)continuidades de trajetórias de estudantes de PROEJA?* O momento da qualificação foi extramente rico, uma das professoras destacou que entre suas sugestões encontrava-se o redimensionamento do problema, mas que a nova proposição ampliava os horizontes do estudo. Com a concordância da banca, a nova redação da indagação ganhou vida na pesquisa.

Além da indagação central, outras questões nortearam a investigação: quais os principais motivos das descontinuidades nos estudos dos estudantes do PROEJA? Que Políticas permearam o período 1988-2012? Quais as causas para as rupturas nas Políticas de EJA?

Gamboa (2007, p. 101) alerta que “Nesse contexto, vale a pena advertir que não se estudam temas, investigam-se problemas [...]. Dessa forma, o cerne da pesquisa consistiu em estudar como a descontinuidade de estudos dos estudantes do PROEJA, do IFRS - câmpus Bento Gonçalves estava relacionada a implicações de contexto histórico, político, econômico e social. Sendo assim, pesquisou-se para buscar respostas, a partir de uma questão que ocasionava inquietação: as (des)continuidades nas trajetórias escolares de estudantes de PROEJA.

Para dar mais consistência à elaboração da investigação, foi feita uma primeira imersão, verificando dados relativos a matrículas, avanços, abandonos, conclusões, transferências e cancelamentos de matrícula em uma escola estadual de ensino fundamental do município de Bento Gonçalves², já que o objeto de estudo estava voltado para as descontinuidades, ao longo da trajetória dos estudantes que no momento da pesquisa cursavam o PROEJA.

² Segundo Margarete Bottega Tomasini, Coordenadora da 16ª Coordenadoria Estadual de Educação em Bento Gonçalves- RS, tal escola é a única no sistema estadual de ensino do município a ofertar o Ensino Fundamental completo na modalidade EJA. Cabe ressaltar que neste estudo não foram consideradas as escolas mantidas pelo Sistema Municipal de Ensino de Bento Gonçalves.

TABELA 1: SITUAÇÃO GERAL DE MATRÍCULAS DA EJA- EM ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE BENTO GONÇALVES

Ano	Matrícula inicial	Avanços/promoções	Permanências	Abandonos	Conclusões	Transferências	Cancelamento de matrículas
2008	145	51	27	55	14	08	04
2009	255	117	58	56	42	09	15
2010	227	94	55	48	25	18	12
2011	214	96	58	38	24	11	11
2012/1	222	91	105	12	32	10	04
2012/2	179	53	112	11	30	02	01

Fonte: Tabela confeccionada pela autoras a partir de dados fornecidos em 26/02/2013 pela Secretaria da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Bento Gonçalves da Silva.

Partindo de uma primeira apreciação, os números ocasionam preocupação. As matrículas iniciais demonstram índices elevados, entretanto, percebe-se que somente cerca de 1/3 destes matriculados consegue progredir para a etapa seguinte do curso. Quanto ao número de abandonos e cancelamentos, ao relacionar com o número de matrículas iniciais, percebe-se que 21.5 % dos estudantes não prosseguem no curso. Já ao comparar o número de promoções e permanências, constata-se um elevado número de retenções, o que motivou o contato com a escola, a fim de procurar compreender a situação. Neste contato foi colocado que, especialmente entre 2008 e 2011, maior parte das permanências aconteceu por falta de carga horária para seguir para outra etapa. De um total de 1242 matrículas iniciais, 220 estudantes abandonaram as cadeiras escolares. Este número levou a algumas indagações que se aproximavam do interesse da pesquisa: o que tem levado os estudantes a interromperem seus estudos? As Políticas para EJA podem não estar respondendo a anseios e necessidades dos estudantes?

Acredita-se que com um olhar meramente superficial para indicadores numéricos, tais perguntas não podem ser respondidas. Desta forma, optou-se por, no decorrer da pesquisa, ouvir sujeitos estudantes que interromperam seus estudos, procurando compreender motivos e causas de forma mais aprofundada.

Com o problema esboçado e primeiros dados constatados, tornou-se possível delinear os objetivos do estudo: identificar possíveis relações entre (des)continuidades nas trajetórias escolares de estudantes de PROEJA e implicações de contexto nos quais os mesmos estiveram inseridos; elaborar um mapeamento das Políticas e Programas de EJA em nível nacional e estadual (Rio Grande do Sul) entre 1988 e 2012; detectar rupturas nas respectivas Políticas de EJA; e, identificar os principais motivos da (des)continuidade nos estudos dos estudantes do PROEJA do IFRS câmpus Bento Gonçalves.

Em relação à parte empírica que envolveu o estudo, primeiramente realizou-se um levantamento diagnóstico, no qual se solicitou o preenchimento de dados relativos a nome, idade, sexo, estado civil, trabalho, informação relativa a ter estudado na EJA, interrupção nos estudos e se o estudante estava disposto a conceder entrevista. Procurou-se elaborar um questionário simples e de rápido preenchimento. Solicitou-se autorização da direção de ensino do IFRS - câmpus Bento Gonçalves e tal questionário foi respondido em período de aula dos estudantes, objetivando a identificação dos sujeitos da pesquisa.

O diagnóstico foi realizado a partir dos questionários aplicados nas três turmas de PROEJA (1º, 2º e 3º anos), contabilizando 35 estudantes envolvidos no primeiro momento do estudo. Dos 35 estudantes que responderam ao questionário, identificou-se que 15 aproximavam-se dos objetivos da pesquisa. O critério que possibilitou a identificação dos sujeitos foi o cruzamento das informações afirmativas, referentes a ter cursado EJA, ter interrompido os estudos e a disponibilidade de conceder entrevista. Desse universo de 15 estudantes, apenas 04 eram homens, e coincidentemente estudavam na mesma turma, 3º ano. 11 eram mulheres, uma com vinte anos, as demais entre 37 e 58 anos.

Antes da realização das entrevistas e, tendo clareza que a metodologia que melhor contemplava a pesquisa encontrava-se na História Oral, fez-se necessário a imersão em leituras direcionadas.

Por que a História Oral?

A opção pela história oral deu-se primeiramente pela preocupação em ouvir os sujeitos. Um ouvir que ultrapassa o simples ato mecânico e se concretiza através de uma escuta sensível. Segundo Alberti (2004), a história oral possibilita a cumplicidade entre entrevistador e entrevistado, sem dispensar o rigor científico. Na pesquisa, optou-se pelo trabalho com a história oral factual que, de acordo com Alberti (2004), concentra atenções em etapas específicas. Aqui, aliando a história factual à história de vida, cita-se Fischer (2004, p. 534), compartilhando da ideia de aproximar as falas dos sujeitos ao contexto histórico, político, social e cultural, evitando análises românticas e inquestionáveis:

A história de vida, como a concebo, vai além do enfoque pessoal da história. Ao focalizar o indivíduo, é possível dimensioná-lo no contexto mais amplo. Para isso, é necessário evitar o sentido romântico – às vezes presente nas concepções humanistas, a partir das quais transforma o entrevistado em herói – e insistir nas conexões entre os fatos relacionados e a situação social, cultural e econômica que os perpassa.

Nesse sentido, Amado e Ferreira (2006, p. XXVI) salientam que “[...] a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula perguntas, porém não pode oferecer as respostas”. Dessa forma, no estudo levantaram-se indagações, sem a pretensão de trazer respostas incontestáveis.

Também segundo Abrahão (2004), o trabalho com a história oral possibilita a triangulação de fontes, ou seja, além das narrativas, outros documentos podem ser considerados, possibilitando o cruzamento das fontes de informação. O pesquisador compreende o objeto na perspectiva pessoal e social do narrador, observando a individualidade e o contexto no qual essa individualidade é produzida. Dessa forma, buscou-se, ao longo da investigação, além da realização de entrevistas semi-estruturadas, apoio em outros documentos, de acordo com as necessidades da própria pesquisa, a fim de:

[...] ampliar o conhecimento sobre acontecimento e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares, de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as

formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações [...] (ALBERTI, 2004, p.19).

Compreender uma estrutura é certamente uma questão complexa. Um fato se constitui sob vários aspectos, cada sujeito imprime subjetivações pessoais ao vivido. Documentos escritos também possibilitam analisar sob ângulos específicos, limitações como estas possibilitam perceber a impossibilidade de reconstrução total de um contexto. Sendo assim, buscou-se aproximação ao máximo do objeto, mas reconhecendo a existência de lacunas na memória dos sujeitos e delimitações na utilização de documentos.

Uma das primeiras questões que surge quando se pensa em realizar entrevistas refere-se a “quem entrevistar?”. Nesta investigação, elegeu-se, primeiramente, por utilizar como critério para seleção de sujeitos, a combinação de dados “ter interrompido os estudos” e “ter estudado em curso destinado a jovens e adultos”. Como já mencionado as informações foram coletadas através de questionário, aplicado às turmas de PROEJA do IFRS- câmpus Bento Gonçalves. Com o universo de sujeitos delineado, o foco da investigação voltou-se para a preparação das entrevistas.

Ao considerar as entrevistas como centrais em pesquisas envolvendo história oral, Alberti (2004) destaca a seriedade na elaboração dos roteiros. Nas entrevistas factuais o entrevistado precisa relacionar-se com a temática em voga. O envolvimento do pesquisador com leituras relacionadas ao objeto possibilita maior instrumental para a elaboração do roteiro. Além da investigação teórica, buscar informações sobre o entrevistado (a) é uma forma de aproximar o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.

Outra preocupação que não pode ser esquecida refere-se ao espaço de realização das entrevistas. Ao primar por um ambiente silencioso, confortável e com privacidade, o (a) entrevistado (a) acaba sentindo-se mais à vontade para concedê-la, fato que também pode contribuir no estabelecimento do vínculo de cumplicidade entre o pesquisador e entrevistado.

O principal objeto da entrevista na história oral é a memória do (a) entrevistado (a). É através dela que o sujeito busca reconstituir o vivido, trazendo através da palavra, o ecoar do que permaneceu gravado. Para Stephanou e Bastos (2005, p. 420):

[...] memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas. Movemos tudo isso incessantemente e a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente, ressignificamos nossa vida. Esse ressignificar consiste em nossos atos de lembrar e esquecer, pois é isso a Memória, os atos de lembrar e esquecer a partir das evocações do presente.

Através das evocações do presente, na investigação buscou-se observar cada detalhe, cada expressão, cada palavra, cada silêncio, cada gesto, procurando registrar ao máximo o momento de cada entrevista. Além da utilização do gravador, houve registro no diário de campo acerca de expressões não verbais dos (as) entrevistados (as), que contribuíram na análise das falas, pois conforme Lozano (2006, p. 17),

o historiador oral é algo mais que um gravador que registra os indivíduos “sem voz”, pois procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a consequente análise histórica; que seu papel como pesquisador não se limite ao de um entrevistador eficiente, e que seu esforço e sua capacidade de síntese e análise não sejam arquivados e substituídos pelas fitas de gravação (sonora e visuais).

Optar pela história oral como metodologia remete a inúmeros cuidados, em cada fase do trabalho, o que também imprime um caráter de seriedade para a pesquisa. Primeiramente, faz-se necessário o amplo conhecimento do tema. Procurar levantar informações acerca da biografia dos (as) entrevistados (as), investir na elaboração de roteiros, estar atento ao anunciado e ao expressado gestualmente pelo entrevistado são detalhes fundamentais que não devem passar despercebidos.

O pesquisador precisa estar ciente de que, além de realizar as entrevistas, deve transcrevê-las, registrando fielmente o que foi gravado. A transcrição, segundo Alberti (2004) deve respeitar as normas ortográficas, podendo realizar correções em expressões, especialmente relacionadas à concordância verbal. Os sinais de pontuação devem ser respeitados de acordo com a fala dos (as) entrevistados (as).

Além do rigor metodológico, ao decidir pelo trabalho com história oral, também se percebe o papel da sensibilidade, afinal, sem emitir juízo de valor referente a opções metodológicas, em uma pesquisa que elege pelo trabalho exclusivo com documentos, não se estabelecem relações com outros seres humanos e as fontes de estudo são consideradas objetos. Já na história oral, as fontes são vivas e transformam-se em sujeitos, que precisam ser ouvidos atentamente, respeitados em seu falar e no seu calar.

Ao escolher a história oral como metodologia, assume-se a postura de respeito para com os sujeitos da pesquisa, buscando também lançar o olhar ao contexto social, histórico, econômico e cultural, sem, no entanto, ter a pretensão de reescrever a totalidade das trajetórias escolares dos sujeitos pesquisados. Neste percurso, surgiram algumas respostas, mas como se percebe que, na história oral, o ponto final não é incontestável, as considerações feitas na pesquisa estão abertas a novas percepções.

Sujeitos da Pesquisa

Após a qualificação, por sugestão da banca e por compreender a complexidade das entrevistas envolvendo história oral, optou-se por realizar entrevistas com seis sujeitos, representando gênero e tempo fora da escola. A primeira entrevista aconteceu no prédio em que reside pesquisadora e entrevistada³ e foi a entrevista mais longa. A segunda entrevista também foi realizada no apartamento da pesquisadora. As demais entrevistas aconteceram no departamento pedagógico do IFRS- câmpus Bento Gonçalves. Abaixo um quadro síntese:

Nome	Gênero	Idade	Tempo fora da escola	Tempo de entrevista
Maria	Feminino	58 anos	Entre 7 e 10 anos	2 h. 18 min.
Isaura	Feminino	41 anos	Entre 7 e 10 anos.	41 min. 15 s.
Antônio	Masculino	49 anos	32 anos.	1 h. 5 min.

³ Ao aplicar o questionário, observei nas turmas duas mulheres que moravam no mesmo prédio em que eu resido, as quais conhecia apenas de vista e de cumprimentos no elevador. A primeira Maria, é esposa do zelador, e a segunda, Isaura, mora coincidentemente no mesmo andar que o meu. Ambas além da facilidade para contato, estão intimamente vinculadas aos critérios estabelecidos pela pesquisa, por isso optou-se em entrevistá-las. Visando manter o sigilo em relação a identidade dos entrevistados, optou-se por atribuir nomes fictícios.

Rodrigo ⁴	Masculino	40 anos	Entre 4 e 7 anos.	14 min. 40 s.
Patrícia	Feminino	20 anos	Menos de 3 anos.	28 min. 48 s.* ⁵
Guilherme	Masculino	26 anos	Entre 4 e 7 anos.	26 min. 20 s.*

Cada entrevista pode ser considerada um momento especial. A pesquisadora procurou estar atenta a cada detalhe, fazendo a “escuta sensível”. Mesmo procurando manter-se como ouvinte, tentava demonstrar através de gestos, afirmações e frases curtas que estava envolvida com o que ouvia. A cada entrevista, a pesquisadora saía tocada com as histórias dos sujeitos. De fato, a pesquisadora esteve presente, tanto no antes, ao marcar as entrevistas, através de ligações, no durante, ao ouvir com atenção e sensibilidade os sujeitos e no depois, ficando dias pensando sobre episódios narrados. Em seu texto “A Escuta Sensível em Educação”, Barbier (1983, p. 202) ressalta a importância da escuta do pesquisador. Afirma o autor que: “entrar no sentimento é aceitar ser receptivo em relação ao mundo que, sempre, nos fala de modo diferente. É aceitar estar ‘vazio’, como o círculo por onde passa o eixo da roda que move o veículo, de acordo com a imagem da sabedoria chinesa tradicional”.

A pesquisadora esteve, literalmente, presente nas entrevistas. Também nas transcrições, exercício longo, que demandou tempo e paciência, mas acreditando que muito contribuiu, inclusive, para o início do amadurecimento em relação às categorias de análise. Cada entrevista depois de feita, era transcrita e lida. Após ter transcrito todas as entrevistas, a pesquisadora realizou mais leituras e foi construindo categorias de análise, assim delineadas: Início de escolarização; Vivências na EJA; PROEJA: Novas experiências e Pluralidade de contextos e as (des)continuidades nas trajetórias. Novas leituras das

⁴ Observa-se que a entrevista de Rodrigo foi a de menor duração, isso ocorreu pois o entrevistado teria prova no primeiro período da noite. Ressalta-se que a entrevista aconteceu minutos antes da aula e a professora havia autorizado sua entrada mais tarde, caso fosse necessário. Decidiu-se por realizar a entrevista mesmo ciente desta situação, pois o entrevistado, como representante comercial, realiza viagens e tem pouco tempo disponível. Após realizar a entrevista, ela foi analisada e, mesmo sendo rápida pode ser considerada com inúmeros elementos para análise.

⁵ As entrevistas, especialmente com os sujeitos de mais velhos foram mais longas, e os mesmos acabaram narrando outros episódios da vida. Já os mais jovens tinham a fala mais rápida e detiveram-se a narrar os fatos a partir das perguntas propostas.

entrevistas foram feitas, dessa vez transversais, utilizando marcadores de texto de diferente cores, cada cor correspondente a uma categoria. Depois desse exercício analítico, foi possível constatar que o problema norteador da pesquisa estava contemplado, assim como as demais questões e objetivos do estudo.

Ciente das problemáticas, objetivos de estudo e definidas as categorias, iniciou-se a imersão na análise⁶, momento em que se buscou transcender a descrição, procurando de fato interpretar as falas dos sujeitos. Tentando também perceber detalhes nas falas dos (das) entrevistados (as), definiu-se por primeiramente trazer fragmentos de cada entrevista individualmente (abordagem vertical das entrevistas), pontuando questões e levantando algumas aproximações com teóricos e, brevemente, ao final de cada categoria, pontuou-se aspectos gerais das falas (abordagem horizontal).

Algumas Considerações

O processo que envolve a construção de uma pesquisa é extremamente amplo e certamente cada pesquisador vivencia tal experiência de seu modo. Neste trabalho procurou-se dirigir o olhar para o processo de constituição de uma pesquisadora iniciante, durante o Mestrado, certezas foram transformadas em dúvidas, questões que se tinha como verdades, tomaram forma de possibilidades e hipóteses.

A construção do problema de pesquisa foi experiência árdua e intensa. No ingresso no Programa de Pós-Graduação acreditava-se que as discontinuidades nas políticas de EJA poderiam influenciar nas interrupções dos estudos dos estudantes, no entanto a imersão na empiria e a abertura ao diálogo e novos olhares, possibilitou a ampliação dos horizontes da pesquisa.

Depois do redimensionamento do problema, ocorreu a aproximação com a História Oral através da teoria já produzida. Procurou-se a apropriação do saberes produzidos para então se lançar na prática, primeiramente, através da realização das

⁶ Devido a limitação de páginas do trabalho optou-se por não apresentar dados relativos a análise das entrevistas

entrevistas, depois nas transcrições, leituras e releituras. Neste percurso se aprendeu que os aspectos metodológicos são bases fundamentais para a realização de pesquisas.

Neste espaço procurou-se socializar alguns aspectos metodológicos que envolveram a construção de uma Dissertação. Distante de buscar apresentar modelos, ou receitas para realização de pesquisas, o grande objetivo girava em torno de possibilitar reflexões diante de um percurso, o qual se acredita que não deve ser encerrado com a entrega da versão final do trabalho científico, mas assim como as obras de arte, precisa ser submetido a apreciação, a crítica, a novas apreciações. Assim como na Dissertação em questão encerra-se o presente trabalho com reticências, simbolizando a continuidade da busca...

Referências:

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. et al. **Identidade e vida de educadores rio-grandenses: narrativas na primeira pessoa (e muitas outras)**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral** (coord.). 8ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2006.
- BARBIER, René. A escuta sensível em educação. **Cadernos Anped**. Porto Alegre, RS, nº 5, set. 1983, p. 187-216.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação**. São Paulo, SP: Cortez, 2003.
- FISCHER, Beatriz T. Daudt. Ponto e contraponto: harmonias possíveis no trabalho com histórias de vida. In: ABRHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A aventura (auto) biográfica - teoria e empiria**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004. p. 531-548.
- GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. Chapecó, SC: Agos, 2007.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral** (coord.). 8ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2006. p. 15-31.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs.). **Histórias e Memórias da educação no Brasil**, VIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.